

CITAR: PADRÃO, G. A.; DOROW, R. **Planejamento e Mercados:** o caso da suinocultura catarinense frente à crise russo-ucraniana. Revista Políticas Públicas & Cidades, v.2, n.1, p. 183 – 199, Jan./Abr. 2015.

PLANEJAMENTO E MERCADOS: o caso da suinocultura catarinense frente à crise russo-ucraniana

PLANNING AND MARKETS: the pig case catarinense front of the russian-ukrainian crisis

PLANIFICACIÓN Y MERCADOS: el caso de los cerdos de santa catarina frente al crisis ruso-ucraniana

Glaucia de Almeida Padrão ¹
Reney Dorow ²

RESUMO

A inserção da cadeia produtiva de carne suína de Santa Catarina no mercado internacional a torna potencialmente vulnerável às instabilidades nos principais mercados do mundo, podendo influenciar no planejamento da produção no Estado. A mais recente se refere à crise russo-ucraniana, iniciada em novembro de 2013, com reflexos locais na cadeia de carne suína. O objetivo principal deste estudo foi avaliar a dimensão de curto prazo da crise sobre o setor suinícola de Santa Catarina e suas consequências sobre o mercado de milho, principal insumo da produção de suínos. Para avaliar esse quadro, foi utilizado o referencial de mercado e cooperação no âmbito do BRICs. Os resultados mostram que, diante do cancelamento das importações ucranianas de carne suína com origem em Santa Catarina, houve incremento das exportações para o BRICS, principalmente para a Rússia, o que impediu a ocorrência de efeitos mais danosos no planejamento da produção local. Isso demonstrou a força do alinhamento de política externa do Brasil no âmbito da cooperação com o BRICs na definição e realinhamento de mercados.

Palavras-chave: Exportações, Carne suína, BRICs, Santa Catarina.

ABSTRACT

The insert of the production chain of pork from Santa Catarina in the international market makes it potentially vulnerable to the instability in major markets in the world, being able to influence the planning of production in the State. The latest refers to the Russian-Ukrainian crisis, which began in November 2013, with local reflexes in the pork chain. The main objective of this study was to evaluate the scale of the crisis in the pork sector of Santa Catarina, as well as its consequences on the corn market, since corn is the main raw material in the production of pigs. To assess this situation, we used the market reference and cooperation within the BRICS. The results show that, due to the cancellation of Ukrainian imports of pig meat originating in Santa Catarina, there was an increase in exports to the BRICs, mainly to Russia, which prevented the occurrence of more harmful effects on local production planning. This demonstrated the strength of Brazil's foreign

¹ Doutora em Economia e Pesquisador da Epagri/CEPA. E-mail: glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

² Mestre em Agronegócios e Pesquisador da Epagri/CEPA. E-mail: reney@epagri.sc.gov.br.



policy alignment within the framework of cooperation with the BRICs in the definition and realignment of markets.

Keywords: Export, Pork, BRICs, Santa Catarina.

RESUMEN

La integración de la cadena productiva de Santa Catarina de cerdo en el mercado internacional hace que sea potencialmente vulnerable a la inestabilidad en los principales mercados, influyendo así en la planificación de la producción en el estado. Los últimos se refiere a la crisis entre Rusia y Ucrania, que comenzó en noviembre de 2013, con reflejos en la cadena de la carne de cerdo local. El objetivo de este estudio fue evaluar la dimensión de corto plazo de la crisis en el sector porcino de Santa Catarina y sus consecuencias en el mercado de maíz, el principal insumo de la producción porcina. Para evaluar este marco, se utilizaron los puntos de referencia del mercado y la cooperación dentro del BRIC. Los resultados muestran que, antes de la cancelación de las importaciones de carne de cerdo ucraniano originarios de Santa Catarina, se produjo un aumento de las exportaciones a los BRICS, principalmente a Rusia, lo que impidió la aparición de efectos nocivos en la planificación de la producción local. Esto demuestra la fuerza de la alineación de la política exterior de Brasil, en cooperación con los BRIC en los mercados de definición y de realineación.

Palabras Clave: Exportaciones, cerdo, BRIC, Santa Catarina.

Recebido em 07 de outubro de 2014

Aceito em 09 de janeiro de 2015

INTRODUÇÃO

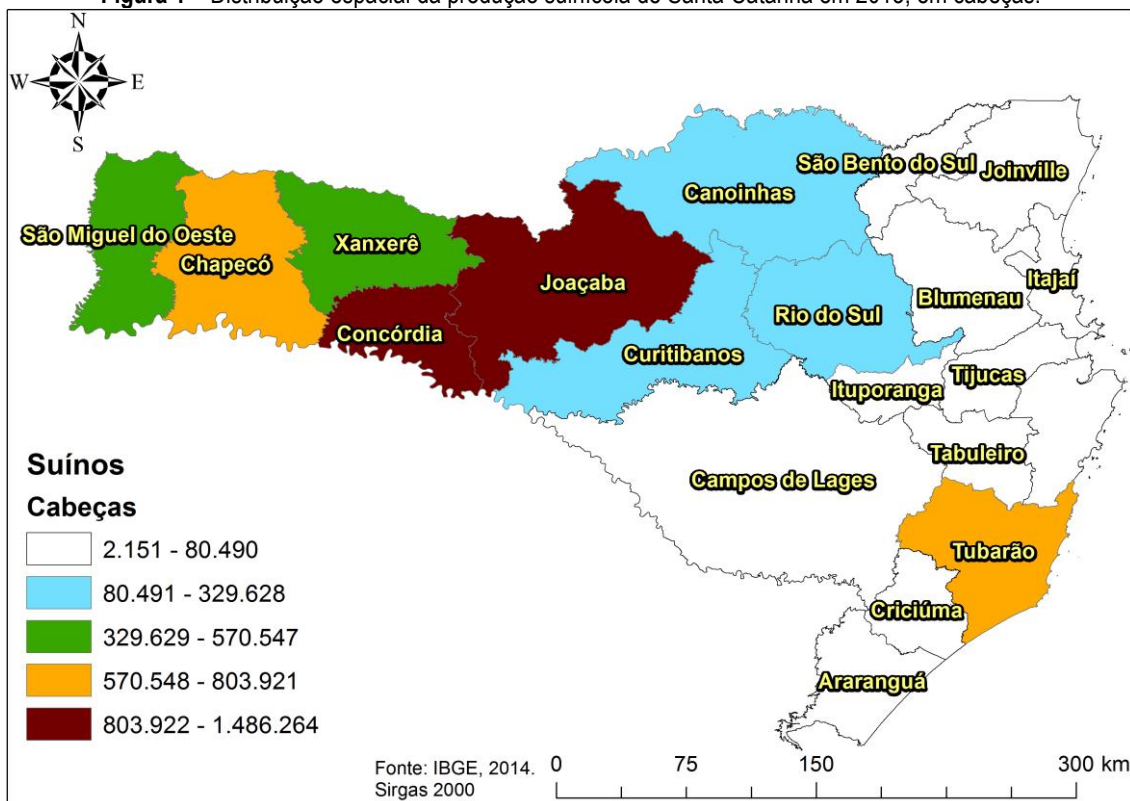
A agropecuária é uma importante atividade para a economia brasileira, tanto na geração de divisas, pela magnitude das exportações, quanto na geração de empregos diretos e indiretos e renda. Entre os diversos setores produtivos que fazem parte da agropecuária, se destaca a suinocultura. Segundo Dorow (2013) com uma produção de 105 milhões de toneladas em 2013, a carne suína continua sendo uma importante fonte de proteína animal para a humanidade, onde o Brasil se estabelece como o quarto produtor mundial. Porém, o descompasso entre capacidade produtiva e consumo dos países, torna a atividade uma fonte de divisas no cenário de comércio internacional, ocorrendo intensas trocas no eixo comercial no hemisfério norte, mas também no eixo sul-norte, onde se destaca o Brasil.

Entre os principais consumidores e importadores de carne suína estão o Japão, Rússia, México e China que apresentaram de forma consolidada 55% das importações globais no setor em 2013, ao passo que EUA, União Europeia – 27, Canadá e Brasil respondem juntos por 90% da oferta de carne suína (DOROW, 2013).

De acordo com dados do IBGE (2014), o Brasil possuía em 2012 um rebanho de aproximadamente 38 milhões de cabeças, das quais 2,417 milhões eram matrizes industriais. A produção de carne suína no mesmo ano foi de 3,483 milhões de toneladas. Para o estado de Santa Catarina a atividade também merece destaque. Com um rebanho de 9,15 milhões de cabeças (24% do total), das quais 405 mil são matrizes industriais, a produção de carne suína em 2012 foi de 805,5 mil toneladas, segundo ABPA (2014).

A distribuição espacial da produção suínica no estado se concentra nas microrregiões geográficas de Concórdia, Joaçaba, Chapecó e Tubarão, como pode ser visto na Figura 1. Observa-se que, em 2013, aproximadamente 45% da produção, 2,8 milhões de cabeças, localiza-se em 20 municípios das microrregiões supracitadas, dos quais os principais municípios produtores são Concórdia (368 mil cabeças), Seara (225 mil cabeças) e Braço do Norte (203 mil cabeças).

Figura 1 – Distribuição espacial da produção suínica de Santa Catarina em 2013, em cabeças.



Fonte: IBGE, 2014.

Quanto ao comércio internacional de carne suína, mais especificamente relacionado ao Brasil, a carne suína tinha como importante destino, os mercados formados pela Ucrânia e

Rússia que, em 2013, responderam conjuntamente por 50% do volume das importações de carne suína. Essa importância também era manifestada no estado de Santa Catarina, onde 49% das exportações eram destinadas a esses dois mercados.

No que tange as relações comerciais baseadas na carne suína entre Brasil e Ucrânia, este foi favorável ao país até o ano de 2013, sendo a carne suína o principal produto exportado. Apesar de não figurar entre os maiores importadores mundiais, a Ucrânia foi o maior importador de carne suína brasileira em 2012 absorvendo 9% da produção local. Para o estado de Santa Catarina, o país se destacava como segundo e terceiro mercado em importância, destinando 30% e 10% em 2012 e 2013, respectivamente, o que resultou em ingressos superiores a US\$ 100 milhões.

Porém, a crise russo-ucraniana colocou em risco o planejamento da cadeia produtiva de suínos do Brasil como um todo e de Santa Catarina em especial, resultando em efeitos diretos sobre o mercado internacional de produtos agrícolas.

O desempenho brasileiro da produção de carne suína no mercado externo tem sido objeto de estudo de inúmeros artigos. Entre eles destaca-se Siffert Filho e Faveret Filho (1998) que analisaram a competitividade das cadeias produtivas das carnes no Brasil, inclusive a carne suína, e concluiu que o principal fator que aumenta a competitividade é a estrutura de governança prevalente no setor. Farina e Nunes (2003) avaliaram os fatores não convencionais de aumento da competitividade dos setores de carne suína e bovina brasileiro no mercado externo e concluíram que os fatores institucionais são os de maior relevância para o setor de carnes. Talamini et al (2004) focaram seu estudo no setor exportador de carne suína brasileira sob a ótica da segurança do alimento. Palmeira e Gonçalves (2006) analisaram a cadeia produtiva da carne suína no Brasil e sua competitividade no mercado externo, concluindo que os investimentos realizados no setor nos últimos anos foram primordiais para o alcance de lugar de destaque no cenário mundial. Miele e Waqui (2007) analisaram a cadeia produtiva de suínos de Santa Catarina sob a ótica dos contratos e observaram que o bom desempenho da cadeia produtiva de suínos se deve aos investimentos em tecnologia e avanços organizacionais, com destaque para os contratos que objetivam principalmente os ganhos de eficiência e aumento dos ganhos, o que permite a maior inserção no mercado externo. Observa-se contudo que existem poucos estudos que avaliem o comportamento da cadeia produtiva de carne suína em tempos de crise ou posteriores a estas.

No presente estudo foram analisados, de forma qualitativa e quantitativa, os efeitos da corrente crise russo-ucraniana, de significativa proporção sobre o planejamento produtivo da cadeia suinícola de Santa Catarina e suas derivações sobre o mercado de milho, principal insumo dessa cadeia. Para isso, esse artigo foi estruturado em três partes além desta introdução. Na segunda parte serão apresentadas as teorias que explicam o problema de pesquisa abordado. Na terceira parte serão analisados os efeitos diretos e indiretos da crise russo-ucraniana sobre a produção e exportação catarinense de carne suína. Por fim, na quarta parte, serão apresentadas as principais conclusões sobre o problema e a indicação para trabalhos futuros que pretendam abordar a mesma temática.

ENFOQUE TEÓRICO E CONTEXTO PARA ANÁLISE

Para discutir sobre as mudanças de mercado para a suinocultura de Santa Catarina ocorridas desde a crise geopolítica russo-ucraniana, considera-se a definição de mercado sugerida por Pindyck e Rubinfeld (1999, p. 9) que o apresentam como *“um grupo de compradores e vendedores que, por meio de suas reais e potenciais interações, determinam o preço de um produto ou de um conjunto de produtos”*, ou ainda nos moldes apresentados por Hall e Lieberman (2003, p. 56) como *“grupo de compradores e vendedores que têm potencial para negociar uns com os outros”*.

Complementarmente consideramos o arranjo dos países em blocos econômicos formais ou não como ponto de partida para o processo decisório na opção de comércio entre os países a partir de crises.

O agrupamento de países em blocos econômicos configura uma das estratégias das grandes economias e das empresas multinacionais para iniciar um ciclo expansionista. Esse modelo também é utilizado por países em desenvolvimento que buscam atrair capitais externos, dos quais carecem, para promover o crescimento de suas economias, como é o caso do Brasil. De acordo com MRE (2014) o BRICs é um caso desse modelo, formado pelo Brasil, Rússia, China, Índia e mais recentemente a África do Sul, que vem evoluindo no grau de organização e agenda comum de entendimentos, apesar de se tratar de um acordo informal.

Dolgikh e Kokin (2009) e MRE (2014) afirmaram que dois relatórios do banco de investimento Goldman Sachs com participação do economista Jim O'Neill alavancaram inicialmente o termo “BRICs”. No relatório intitulado *“Building Better Global Economic BRICs”*,

O'Neill (2001) fazia referência aos quatro países emergentes (Brasil, Rússia, Índia e China) que apresentavam uma tendência de crescimento mais rápida em suas economias. O segundo, intitulado "*Dreaming with BRICs: the path to 2050*", O'Neill (2003) passa a incluir esses países na avaliação permanente da perspectiva do crescimento econômico e da sua população.

Wilson e Purushothaman (2003) destacaram no segundo relatório que os países do BRICs assumiriam, até o ano de 2050, uma força maior e um novo protagonismo na economia mundial.

Amorim (2010) ponderou que a consolidação do conceito BRICs ocorreu de fato quando após a divulgação do relatório de 2003, observou-se um importante crescimento econômico do grupo BRICs, inclusive superior ao que tinha sido projetado inicialmente, o que resultou na elaboração de mais um relatório pelo banco Goldman Sachs, intitulado "*BRICs and Beyond*", onde O'Neill (2007) atualizou previsões para os países do BRICs, confirmando que o crescimento se apresentou mais rápido do que havia sido previsto.

Essa considerável convergência propiciou a posterior aproximação dos países na troca de informações e estreitamento de suas relações. Como descreve Amorim (2010), o primeiro encontro ocorreu em maio do ano de 2008, em Ekaterimburgo (Rússia), resultando daí o comunicado conjunto sobre a promoção da paz e desenvolvimento. O segundo encontro segundo MRE (2014), ocorreu novamente em Ekaterimburgo, em junho de 2009. Esse encontro permitiu a elevação do nível de interação política que alcançou o nível de Chefes de Estado/Governo e resultou no aprofundamento e institucionalização vertical do BRICS.

Um terceiro encontro ocorreu no Brasil em Brasília no ano de 2010, onde os países discutiram temas como governança global e visão comum, comércio internacional, desenvolvimento e combate à pobreza dentre outros.

A importância do BRICs é crescente, pois abre espaço para o diálogo, identificação de convergências temáticas, além da cooperação que se estende desde a área econômica, política e na geopolítica das suas regiões de influência e em todo mundo (DOLGIKH E KOBIN, 2009; MRE, 2014).

As diferenças promovem a geração e desenvolvimento de atuações mais especializadas de acordo com a vocação de cada um deles. Para Yao *et al.* (2009) e Lenova *et al.* (2007) China e Índia possuem as maiores populações, o que favorece o crescimento de empregos na indústria de transformação, serviços na área tecnológica onde a China particularmente é um destaque no

comércio internacional, enquanto Brasil e Rússia pela menor população focam no desenvolvimento de indústrias direcionadas para energia e commodities, ainda assim promovem aceleração de suas economias porém em escalas menores.

No levantamento de dados feito por Yao *et al.* (2009), Brasil, Rússia, Índia e China possuem conjuntamente 28,9% da área terrestre e 43,2% da população mundial. Amorim (2010) e Lastres *et al.* (2007) complementam que o grupo BRIC detém expressiva extensão territorial com vastas terras agricultáveis, recursos naturais e energéticos em diversidade e quantidade consideráveis, importante desenvolvimento tecnológico e acelerado crescimento econômico.

Os temas segurança alimentar e agricultura têm sido recorrentes, chegando a tratativas em nível ministerial. (MRE, 2014)

Amorim (2010) conclui que os países do grupo BRICs têm expressivo potencial para aumentar suas relações econômicas, e isso pode ser observado a partir da análise do incremento do fluxo de comércio entre os países, produção e consumo de commodities e as reservas internacionais.

Em 2011, houve um importante incremento ao grupo, por meio da incorporação da África do Sul (South África). A III Cúpula ocorreu em Sanya na China em 2011, com a participação e incorporação da África do Sul ao grupo pela primeira vez, passando o grupo de países a se denominar BRICS, onde o tema central delimitou a reforma do Sistema Monetário Internacional.

Por fim a IV Cúpula de Chefes de Estado do BRICS foi realizada em Nova Déli na Índia em 2012 e teve como tema “BRICS - Parceria para a Estabilidade Global, Segurança e Prosperidade”; onde os representantes dos países assinaram um acordo de investimento e comércio em moedas locais, o objetivo foi elevar a cooperação entre os bancos de desenvolvimento e incrementar o comércio entre os países do BRICS.

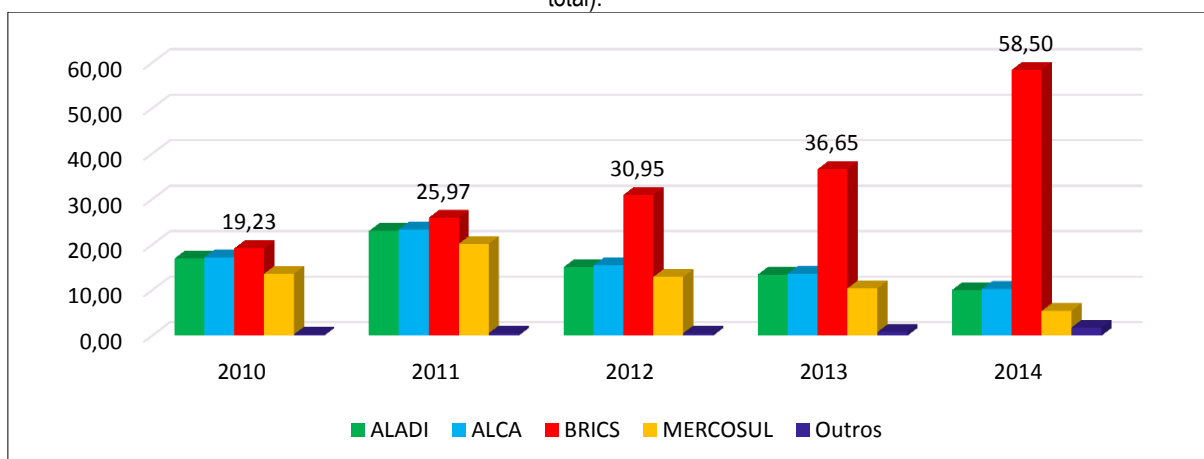
Apesar dos elementos convergentes, os países integrantes do BRICS apresentam diferenças significativas entre si, o que é superado pelo grande esforço comum em construir agendas integradoras.

A SUINOCULTURA EM SANTA CATARINA E A CRISE

A relação comercial do Brasil com os demais países do BRICS tem aumentado perceptivelmente nos últimos anos. De acordo com dados do MDIC, o comércio de carne suína

brasileira com o BRICS representou em 2010 cerca de US\$ 1,01 bilhão e de janeiro a maio de 2014, aproximadamente US\$ 337 milhões. No caso de Santa Catarina o quadro não se mostra diferente. Observa-se pela Figura 2, que importantes blocos econômicos parceiros comerciais do Brasil, como o Mercosul e ALCA, têm perdido espaço para o BRICS que teve sua participação nas exportações catarinenses de carne suína aumentada de 19% em 2010 para 58% em 2014. Essa participação representa em valor uma alteração de US\$ 68 milhões, passando de US\$ 57 milhões em 2010 para US\$ 125 milhões em 2014. Desse total, em média, 99% das exportações catarinenses para o BRICS são destinadas à Rússia, correspondente a US\$ 124 milhões em 2014, o que demonstra os potenciais efeitos diretos que a crise russo-ucraniana poderia desencadear na indústria catarinense de carne suína.

Figura 2 – Evolução das exportações catarinenses de carne suína para os principais blocos econômicos, (em % do total).



Fonte: MDIC/Aliceweb, junho 2014.

Além de ser um dos principais importadores de produtos com alto valor agregado como combustíveis, máquinas mecânicas e elétricas, a Ucrânia é também um dos principais produtores mundiais de produtos agropecuários, como alho (8º), milho (9º), trigo (9º) e suínos (14º). Entre os principais destinos das exportações ucranianas em 2013 encontram-se a Rússia, Turquia, Egito, Polônia e Itália, cujos principais produtos foram ferro e aço, cereais e gorduras ou óleos.

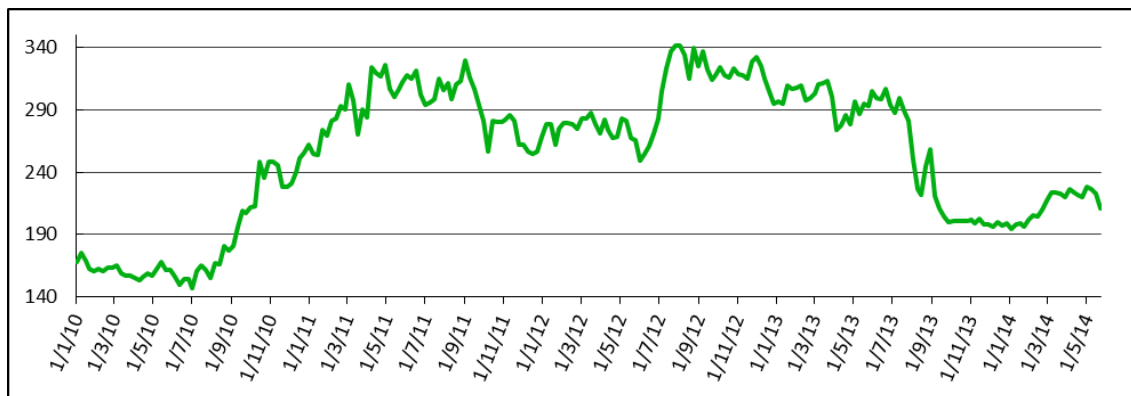
No entanto, a tomada da Crimeia pela Rússia, ocorrida em março de 2014, intensificou as discussões a respeito dos efeitos diretos sobre o comércio internacional de carne suína e indiretos sobre o milho, haja vista que o porto da Crimeia, apesar do volume de produtos

representar 7% das exportações totais, é um importante entreposto comercial para a Ucrânia, Rússia e União Europeia.

Situações de crise como essa, em geral, mostram-se desfavoráveis para a maioria dos países, mas podem apresentar algumas oportunidades. No caso da Ucrânia, quinto maior produtor e quarto exportador mundial de milho, e principal destino das exportações brasileiras de carne suína em 2013, dois efeitos eram esperados no curto prazo: redução da oferta ucraniana de milho e conseqüente aumento dos preços internacionais e a redução das importações ucranianas de carne suína e redução do preço doméstico desta. No caso de haver redução da oferta de milho por parte da Ucrânia, poderia impulsionar as exportações brasileiras e do estado de Santa Catarina deste produto, o que levaria ao aumento dos preços domésticos. No entanto, a elevação dos preços internacionais não ocorreu, especialmente porque os Estados Unidos colheram uma safra recorde em 2013, aproximadamente 369 milhões de toneladas e safra ainda mais expressiva em 2014.

A Figura 3 apresenta a evolução dos preços nos Estados Unidos como representação do comportamento dos preços internacionais do milho, de 2010 a 2014. Observa-se que os elevados preços de meados de 2012 são explicados pela quebra de safra ocorrida nos Estados Unidos no ano, que tirou do mercado aproximadamente 30% da safra prevista. No início da crise ucraniana, novembro de 2013, os preços se mantiveram estáveis até março de 2014, quando a Crimeia foi anexada à Rússia. A partir daí houve uma elevação dos preços, em razão da expectativa de que a oferta mundial de milho fosse reduzida, mas volta a cair em maio do corrente ano, quando foi confirmada a safra recorde de milho dos Estados Unidos, com capacidade para suprir parte do mercado em que houve retração da Ucrânia.

Figura 3 – Evolução dos preços do milho nos Estados Unidos, em US\$/t, de 2010 a 2014.



Fonte: Usda, 2014.

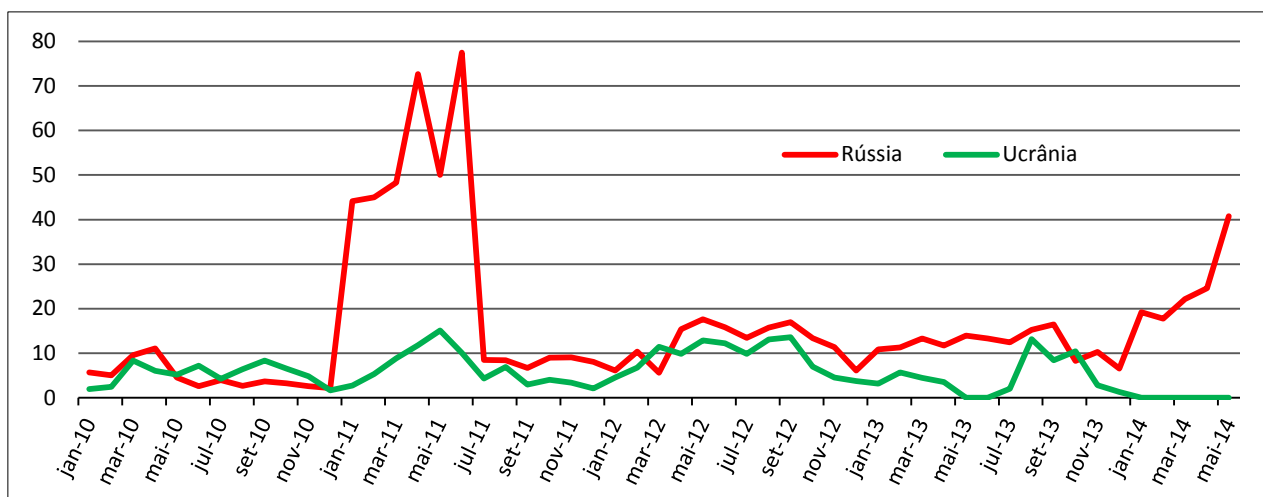
O mercado suíno por sua vez, sentiu os efeitos diretos da crise. A Ucrânia cancelou as importações de carne suína com origem em Santa Catarina. Esta redução poderia configurar no aumento da oferta doméstica de carne suína e redução dos preços internos, o que reduziria a demanda de milho por este setor, cerca de 2,4 milhões de toneladas anuais, que consome aproximadamente 73,54% do milho produzido no estado.

No entanto, a saída encontrada pelos exportadores do estado foi a mudança de direção das exportações de carne suína, intensificando as relações comerciais com a Rússia, cuja participação nas exportações catarinenses aumentou de 37% para 57%, aproximadamente, quando comparados o mesmo período (janeiro a maio) dos anos de 2013 e 2014. A mudança de direção das exportações, embora seja fortemente influenciada pelo bom relacionamento do Brasil com o resto do mundo, o que abre espaço para novos mercados, também pode ser explicada pelo fortalecimento da suinocultura em Santa Catarina, marcado por aumento da fiscalização e erradicação da febre aftosa no estado e redução da dependência da comercialização com poucos países, o que fortalece o setor frente às crises como a russo-ucraniana. Isto pode ser traduzido como melhor planejamento do setor, com participação governamental efetiva, via formulação de políticas públicas voltadas ao incremento de tecnologia no processo produtivo e melhoria organizacional do setor.

Além disso, essa ampliação do mercado da carne suína com a Rússia é aderente a afirmação de Dolgikh e Kokin (2009) quanto a ampliação da cooperação econômica no âmbito do BRICS, corroborado ainda pelo conceito de mercados por Hall e Lieberman (2003), onde essa aproximação facilita a geração de negócios.

Avaliando de forma mais detalhada a relação comercial entre os países envolvidos na crise russo-ucraniana, Figura 4, observa-se que enquanto as exportações que tiveram a Ucrânia como destino, apresentaram tendência decrescente, sobretudo a partir de setembro de 2013. As exportações destinadas à Rússia, foram crescentes principalmente a partir de novembro de 2013, quando iniciou a crise, podendo alcançar a marca histórica atingida entre janeiro e julho de 2011, quando as exportações para a Rússia alcançaram o patamar de mais de US\$ 70 milhões.

Figura 4 - Evolução das exportações de suínos de Santa Catarina para Rússia e Ucrânia no período de 2010 a 2014 - US\$ Milhões.



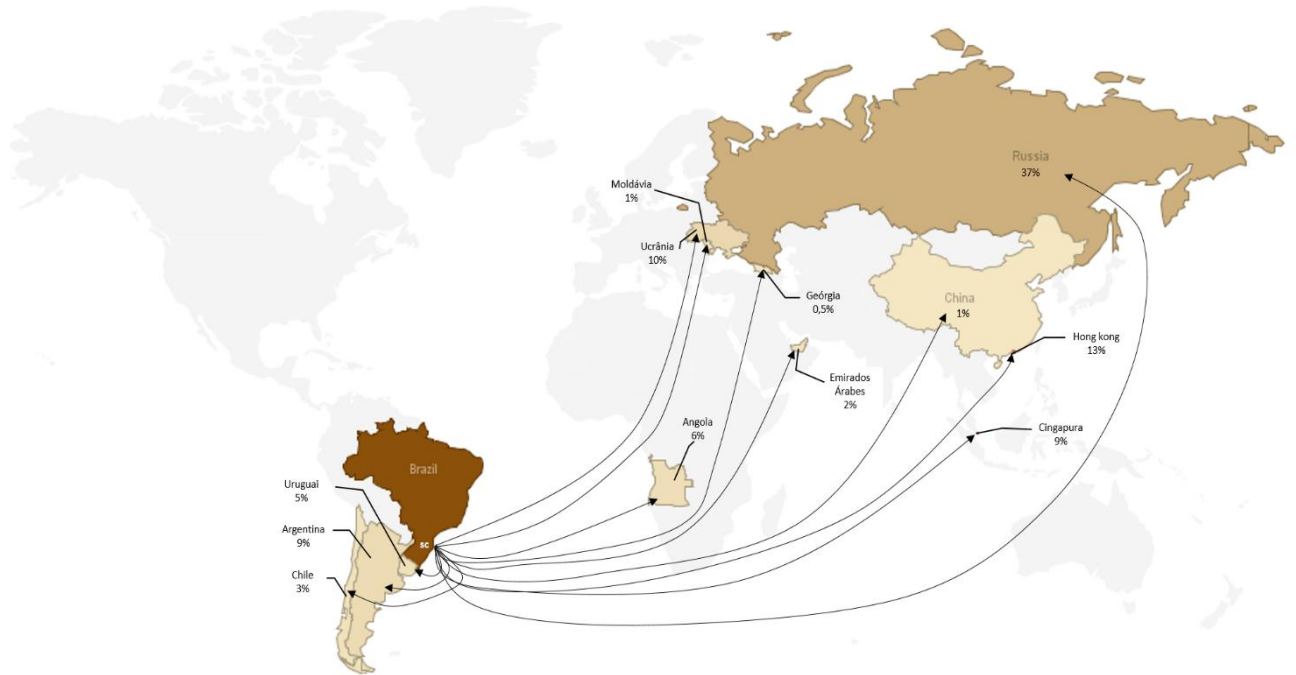
Fonte: MDIC/Aliceweb, junho 2014.

As Figuras 5 e 6 apresentam comparativamente os doze principais destinos das exportações catarinenses de carne suína no período de janeiro a maio de 2013 e 2014, respectivamente. Verificou-se que neste período em 2013, estes foram responsáveis por 96% do valor das exportações com origem em Santa Catarina, totalizando US\$ 158 milhões, em que a Rússia e Ucrânia somados respondiam por 47% deste total.

Em 2014, no mesmo período, houve um incremento absoluto nas exportações catarinenses em US\$48 milhões, em que se expressa a hegemonia das importações russas, que passaram a responder por 57% do total do estado, correspondente a US\$124 milhões.

Outros fatores foram preocupantes para o setor no comparativo 2013 e 2014, como por exemplo, a retração de importantes mercados como a Argentina, Uruguai, Hong Kong e Cingapura, que reduziram conjuntamente US\$ 18 milhões das importações de carne suína catarinenses. Por outro lado, Rússia, Geórgia, Moldávia, Angola e Chile, absorveram esta retração e ampliaram os valores importados em US\$75 milhões.

Figura 5 - Exportações catarinenses de carne suína, de janeiro a maio de 2013



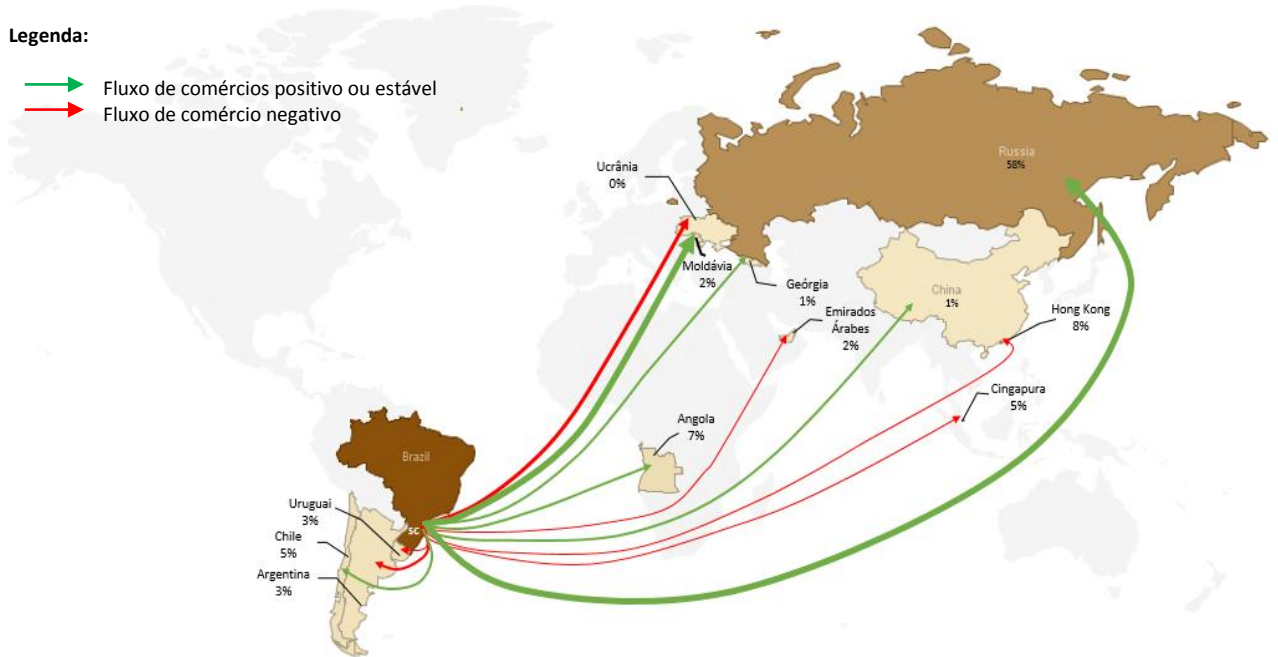
Fonte: MDIC/Aliceweb, 2014, elaboração própria.

O milho é um importante insumo para a produção de suínos. De acordo com Barbosa *et al.* (2014), a participação do milho no volume da alimentação de suínos terminados é de 75%, cujo custo representa aproximadamente de 50% a 70%, de forma que qualquer alteração em um dos mercados, afeta diretamente o outro. A Figura 7 mostra a evolução do consumo de milho pela suinocultura no Brasil. Nota-se que mesmo em tempos de crise este tem se mostrado crescente desde a safra de 2010/11, indicado que os reflexos da crise ucraniana ainda não foram significativamente sentidos pelos setores (milho e suínos).

Figura 6 - Exportações catarinenses de carne suína, de janeiro a maio de 2014.

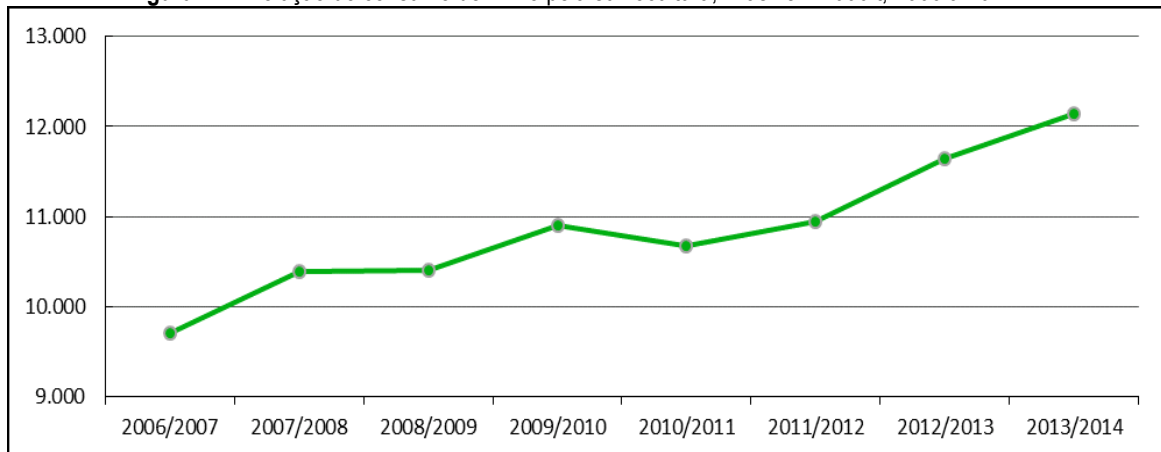
Legenda:

- Fluxo de comércio positivo ou estável
- Fluxo de comércio negativo



Fonte: MDIC/Aliceweb, 2014, elaboração própria.

Figura 7 – Evolução do consumo de milho pela suinocultura, Brasil em 1000 t, 2006 a 2014.

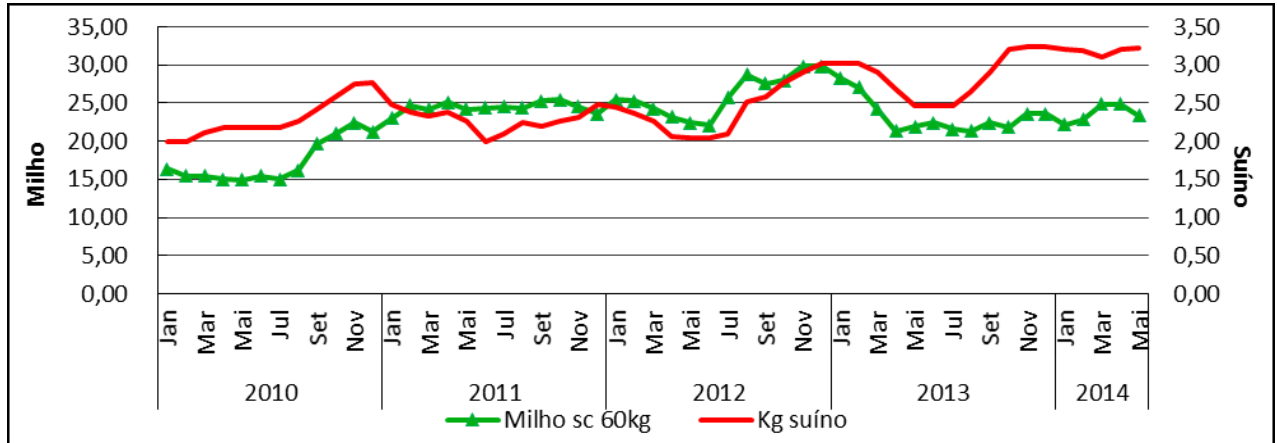


Fonte: Abimilho, 2014.

Analisando a evolução dos preços catarinenses de milho e suíno de 2010 a 2014 (Figura 8), observa-se que, apesar da retração do preço dos suínos ocorrida entre maio e julho de 2013, com o início da crise em novembro esse volta a subir, alcançando os maiores valores da série histórica. O preço do milho por sua vez, apresentou tendência de queda a partir de janeiro de 2013 e se manteve estável até junho de 2014, contrariando a expectativa gerada pela crise ucraniana que era de aumento. Quando tal análise é extrapolada para a relação de troca entre suínos e milho, a equivalência de preço tem se mostrado mais favorável ao suinocultor

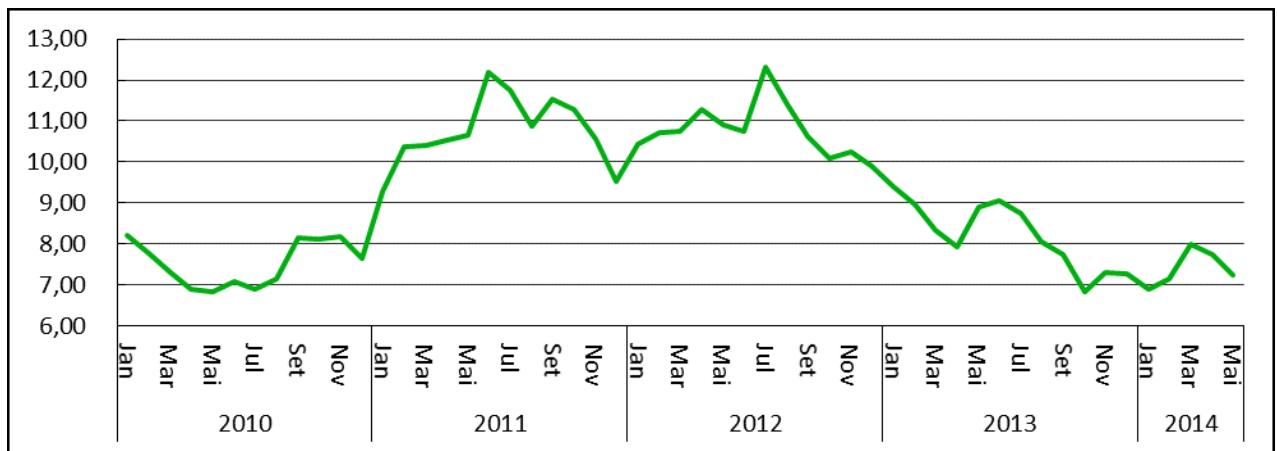
desde julho de 2012. Em maio de 2014, foram necessários menos quilos de suínos para adquirir uma saca de milho, cerca de 7 kg/sc 60kg de milho, Figura 9.

Figura 8 – Evolução dos preços de suíno vivo e milho em Santa Catarina, em R\$, 2010 a 2014.



Fonte: Cepa, 2014.

Figura 9 – Equivalência dos preços de suínos vivos e milho, em R\$, 2010 a 2014.



Fonte: Cepa, 2014.

Parte dessa transformação no mercado de carne suína na Rússia deve-se ao posicionamento geopolítico brasileiro, que é alternativamente alinhado ao BRICS, em que se observa uma posição de não intervenção em assuntos internos dos países, especialmente aliados do bloco. Essa característica se expressou durante o auge da crise russo-ucraniana, onde o Brasil junto com a Índia, China e África do Sul se mantiveram neutros em relação ao referendo de anexação da Criméia à Rússia. Ao passo que os G7 (Estados Unidos, Alemanha,

França, Grã-Bretanha, Japão, Canadá e Itália) se posicionaram contra as atitudes tomadas pela Rússia, retaliando-a com sanções (ONU, 2014).

CONCLUSÕES

A crise russo-ucraniana teve início em novembro de 2013, decorrente de complicações políticas internas na Ucrânia. Com o envolvimento da Rússia, a crise interna na Ucrânia se tornou um problema geopolítico regional. A interferência na solução da crise por parte da Rússia, sobretudo pela tomada da Crimeia, tomou proporções globais, com manifestações de países como Estados Unidos e União Europeia que incluíram sanções, com vistas a forçar a solução do problema. O desenrolar desses eventos teve reflexos sobre os mercados brasileiros, principalmente o mercado de carne suína, onde o Brasil ocupa o quarto lugar no *ranking* de exportações. Santa Catarina, por sua vez, é o maior produtor de carne suína no país, e destinava até 2012, grande parte de suas exportações à Ucrânia (9,28%), o que a colocava como principal destino das exportações catarinenses no período.

Tal crise refletiu diretamente no mercado de suínos de Santa Catarina, com a extinção das exportações catarinenses para Ucrânia, o que poderia gerar excesso do produto no mercado interno, redução dos preços e afetar outros mercados, como o milho, principal insumo na produção de suínos. No entanto, esta situação foi contornada pela clara mudança de direção dos mercados. No período em que se desenrolou a crise, enquanto países como os pertencentes ao G7 e União Europeia se posicionaram fortemente contra as medidas tomadas pela Rússia, o Brasil e demais países pertencentes ao BRICs se posicionaram de forma neutra, o que pode ter favorecido o aumento do volume das exportações que passou a ser destinado ao país. Observou-se que a Rússia, absorveu não só o excedente de carne suína gerado pela eliminação da Ucrânia do mercado, como também parte do excedente gerado pela redução das exportações destinadas à Argentina, que também vive grave crise interna.

Isto posto, conclui-se que parte desta transformação do mercado, com intensificação das exportações destinadas à Rússia se deve ao posicionamento da política externa brasileira, com claro favorecimento às relações comerciais mantidas com o BRICs. Além disso, as medidas de planejamento do setor, com incremento de tecnologias de produção e mudanças organizacionais, como a integração vertical entre produtores e grandes empresas, permitiram o

aumento da produção e melhoria da qualidade da carne. Isso propiciou o alcance de novos mercados e, conseqüentemente, a redução da dependência do consumo de poucos países.

As considerações feitas aqui se referem às conseqüências de curto prazo advindas da crise. A retomada das importações de carne suína por parte da Ucrânia está condicionada a diversos fatores, como a estabilização política e econômica, bem como, a retomada das relações diplomáticas entre Rússia e Ucrânia e o posicionamento do lado ocidental e oriental. Dessa forma, as tendências aqui apresentadas podem ou não se confirmar no longo prazo.

BIBLIOGRAFIA

ABIMILHO – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DO MILHO. **Oferta e demanda do milho do Brasil**. Disponível em: <http://www.abimilho.com.br/estatistica>. Acesso em: 25 jun. 2014.

ABPA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL. **Produção brasileira de carne suína – 204 A 2012**. 2014. Disponível em: http://www.abipecs.org.br/uploads/relatorios/mercado-interno/producao/Producao_2012.pdf. Acesso em: 25 jun. 2014.

AMORIM, C. (2010). Existe realmente o BRIC? **Revista Economia Exterior**. Espanha: ed.52, primavera de 2010.

BARBOSA, P. B.; DE LIMA, G. J. M. M.; FERREIRA, A. S. **Estimativa da quantidade de ração necessária para produção de um suíno com 100 kg de peso vivo**. Comunicado Técnico, 133. Embrapa - Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves, p. 1-3. Março, 1988. Disponível em: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/58898/1/CUsersPiazonDocuments133.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2014.

CEPA – CENTRO DE SOCIOECONOMIA E PLANEJAMENTO AGRÍCOLA. **Preços médios mensais de produtos agrícolas recebidos pelos agricultores em SC**. Junho de 2014. Disponível em: http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/produtos/precos/Precos_recebidos_sc_2014.xls. Acesso em: 20 jun. 2014.

DOLGIKH, E.; KOKIN, S. **The chinese economy and the other BRIC countries: the comparative analysis**. In: 2009 International Conference on Management Science & Engineering. Moscow, Russia: September, p.14-16. 2009.

DOROW, R. Carne Suína. In: **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina**. Florianópolis: Epagri/Cepa. p.107-116. 2013.

FARINA, Elizabeth Maria Mercier Querido; NUNES, R. **Desempenho no comércio exterior e governança dos sistemas agroindustriais das carnes de suínos e de bovinos**. In: IV International Conference on Agri-Food Chain / Networks Economics and Management, 2003, Ribeirão Preto, 2003.

HALL, R. E. T; LIEBERMAN, M. **Microeconomia**: princípios e aplicações. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sistema IBGE de Recuperação Eletrônica (SIDRA). 2014. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso

em: 30 jun. 2014.

LASTRES, H.M.M. et al. (2007). **Estudo comparativo dos sistemas nacionais de inovação no Brasil, Rússia, Índia e África do Sul (Brics)**. RedeSist, segunda versão.

LEONOVA, T.; EIGEL, M.; NATALIYA, M. **Bric countries: chalanges of decade**. In: 2007 International Conference on Management Science & Engineering. Harbin, China: August, p.20-22. 2007.

MDIC – MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Base de dados Aliceweb. Junho de 2014. Disponível em: <http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br/>. Acesso em: 05 jun. 2014.

MIELE, Marcelo ; WAQUIL, Paulo D. . **Estrutura e dinâmica dos contratos na suinocultura de Santa Catarina: um estudo de casos múltiplos**. Estudos Econômicos. Instituto de Pesquisas Econômicas, v. 37, p. 817-847, 2007.

MRE - MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. BRICS: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. 2014. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/temas/mecanismos-inter-regionais/agrupamento-brics>. Acesso em: 05 mai. 2014.

O'NEILL, J. **Building better global economic BRICs**. Goldman Sachs Economic Research Group. Global Economics paper, n.66. 2001.

O'NEILL, J. **Current Answers (and questions) about BRICs and the N-11**. In: BRICs and beyond, Goldman Sachs Economic Research Group. 2007.

O'NEILL, J. **Dreaming with BRICs: the path to 2050**. Goldman Sachs Economic Research Group. Global Economics Paper, n.99. 2003.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Assembleia Geral da ONU: referendo na Criméia é inválido. 2014. Disponível em: <http://www.onu.org.br/assembleia-geral-da-onu-referendo-na-crimeia-e-invalido/>. Acesso em: 20 jun. 2014.

PALMEIRA, Eduardo Mauch ; GONÇALVES, R. G. . **Suinocultura Brasileira**. Observatorio de la Economía Latinoamericana, Espanha, v. 71, p. 1-5, 2006.

PINDYCK, R. S.; RUBINFELD, D. L. **Microeconomia**. 4. Ed. São Paulo: Makron Books, 1999.

Talamini, Edson ; Pedrozo, Eugenio Avila ; SILVA, Andrea Lago da . **Gestão da cadeia de suprimentos e a segurança do alimento: uma pesquisa exploratória na cadeia exportadora de carne suína**. Gestão & Produção (UFSCAR. Impreso), São Carlos/SP, v. 12, n.1, p. 107-120, 2005.

SIFFERT FILHO, N. F. ; FAVERET FILHO, P. . **O Sistema Agroindustrial de Carnes: Competitividade e Estruturas de Governança**. Revista do BNDES, v. 10, p. 1-31, 1998

USDA. UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Meat Animal Production, Disposition, and Income 2012 Summary. 2013 ????

WILSON, D.; PURUSHOTHAMAN, R. **Dreaming with BRICs: The path to 2050**. Goldman Sachs Economic Research Group. Global Economics paper, n.99. 2003.

YAO, X.; WATANABE, C.; LI, Y. Institutional structure of sustainable development in BRICs: Focusing on ICT utilization. **Technology in Society**, v.31, p.9-28. 2009.